

O BERTO da GREL

Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMÁRIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua de Santo António, 119

Impressão: Tipografia Minerva — Vila Nova de Famalicão

Propriedade da Empresa

A LIÇÃO DA HOMENAGEM AO PADRE GASPAS RORIZ

GUIMARÃIS viveu, domingo pretérito, em homenagem à figura nobilíssima do Padre Gaspar da Costa Roriz, horas de intensa saúde, ternura e gratidão.

Todos os vimaranenses, desde os mais humildes aos mais abastados, desde os analfabetos aos cultos, todos, sem excepção, se associaram com religioso respeito às manifestações enaltecidas da memória do Padre Gaspar Roriz.

Nessa homenagem consagrava-se, em última análise, os princípios orientadores da vida do Padre Gaspar Roriz: o amor de Deus, da Pátria, da Terra e da Família.

Nesta hora conturbada da vida dos povos, em que um vento de insânia e de loucura procura demolir os sagrados pilares da nossa civilização latina e cristã, a consagração de domingo tinha uma alta finalidade, um elevado objectivo, que se sintetizava no reconhecimento da indiscutível beleza das verdades eternas que serviram de luzeiros à peregrinação do Padre Gaspar Roriz na vida terrena.

Foram estas verdades, consideradas indiscutíveis em Portugal após o fulgurante discurso de Salazar na cidade santa da Revolução, que fizeram do Padre Gaspar Roriz o apóstolo fervoroso, o patriota ardente, o vimaranense consciente, o filho amantíssimo.

As homenagens de domingo apontaram às novas gerações o padre Gaspar Roriz como um símbolo, um modelo, de português e de vimaranense.

Só integrados no alto exemplo que a lição da sua vida encerra, seremos dignos da memória excelsa que no salão nobre da Sociedade de Martins Sarmento foi evocada com elegância, ternura, respeito, devoção e inteligência.

* * *

Nós desejávamos que a consagração de domingo fôsse o banho lustral das almas dos vimaranenses, onde todos nós nos purificássemos de ressentimentos inferiores, esquecéssemos miseráveis questiúnculas, calcássemos personalismos doentios, para, unidos na mesma comunhão de esforços, em obediência às verdades indiscutíveis que nortearam a vida do Padre Gaspar Roriz, encetarmos para a nossa Terra uma nova era de prosperidade e engrandecimento.

E, afinal a tarefa é bem fácil.

Todos os vimaranenses têm a paixão pela Terra.

A causa das divergências filia-se apenas na orientação dessa paixão.

Se todos os vimaranenses procurassem submeter essa paixão a uma disciplina mental, à serenidade da consciência, a um raciocinar calmo, a uma visão limpa, tinha-se, com certeza, encontrado o plano de amistoso entendimento para a luta pelo progresso de Guimarães.

As dissensões que por vezes desoladoramente se registam, provêm apenas da atrabiliária orientação dessa paixão bairrista, porque o anseio do engrandecimento local em todos os corações palpita com igual entusiasmo.

* * *

Na crise de vaidade, elegância, serena visão e equilíbrio mental, reside o mal-estar que nos perturba e emperra as mais nobres iniciativas.

Que cada um reflita na alta lição de bairrismo construtivo e alevantado do Padre Gaspar Roriz, e um novo ciclo de progresso e desenvolvimento se iniciará para a nossa Terra.

A' MARGEM

Na nação vizinha os comunistas consideram grito subversivo um «Viva a Espanha», na França impedem que os patriotas cantem a «Marselhesa».

O comunismo visa, pois, ao total aniquilamento do sentimento pátrio, à dissolução da nacionalidade.

Os comunistas renegam a Pátria para se submeterem à escravidão do Komitern.

E' a mais baixa degradação humana.



«Acção» é um semanário de ideias.

Os seus colaboradores não se perdem em vagas e nebulosas dissertações.

Todas as suas páginas, «acção imperial», «acção militar», «acção económica», «acção do espírito» e «acção social», timbram pelo seu carácter doutrinator, sempre em busca de soluções práticas.

A leitura de *Acção* robustece a inteligência.

Marca entre as nossas publicações doutrinatorias.



A «Humanité», órgão oficial do Governo de Blum, iniciou nas suas colunas a publicação dos funcionários *fascistas*, melhor, patriotas, discordantes da sovietação da França.

Na *Humanité* começa, segundo o órgão de Moscovo, a ser publicada a lista dos nomes indignos de servir a França.

Na cabeça do sol, aparece o glorioso marechal Pétain, o herói imorredouro de Verdun, o salvador do exército francês, o herói da Grande Guerra.

A Frente Popular, depois de enfraquecer a economia nacional com greves e ocupações de fábricas, esforça-se já em desorganizar o exército.

A reacção dos patriotas, desenha-se, por isso, enérgica e vigorosa.

Em sinal de protesto contra a orientação marxista-comunizante do governo francês, em Paris canta-se com ardor a *Marselhesa*, as bandeiras tricolores flutuam nos prédios, e falanges de antigos combatentes vão em patrióticas romagens alimentar a chama do túmulo do soldado desconhecido.

A França, é imortal!

D A C I D A D E

SOCIEDADE

Visitas:

Capitão Joaquim Ferreira Pedras — Tivemos o prazer de ver nesta cidade, o nosso prezado amigo e assinante, ex.^m sr. capitão Joaquim Ferreira Pedras.

D. Arlinda de Carvalho Araújo — Também tivemos o prazer de cumprimentar a nossa prezada assinante, ilustre professora nos Arcos de Val-de-Vez, ex.^{ma} sr.^a D. Arlinda de Carvalho Araújo.

Dr. Porfiro H. de Almeida Carneiro — Em gôzo de férias, encontra-se nas suas propriedades de Gonça, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. Porfiro H. de Almeida Carneiro, quintanista da Universidade de Coimbra.

Partidas:

Encontra-se na Povia de Varzim com sua estimada família, o nosso prezado assinante sr. Tomaz de Almeida.

Pedido de casamento:

Para o sr. engenheiro Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, filho da sr.^a D. Ana Mendes Ribeiro do Amaral Pinto de Freitas, foi pedida em casamento a sr.^a D. Maria Filomena de Campos Torcato, filha da sr.^a D. Maria de Campos Torcato e do sr. dr. Josué Torcato.

O casamento deve realizar-se ainda no ano corrente.

Torneio de Tiro aos Pratos

No próximo domingo, 19, realiza-se no pitoresco e aprazível lugar de S. Roque, um novo torneio de tiro aos pratos, que pelo elevado número de caçadores inscritos, promete ser muito animado.

Exames de admissão ao liceu

Horário e distribuição de provas:

Julho, 20, segunda-feira — Prova de aritmética e geometria às 9 horas, prova de desenho 10.30.

Julho, 21, terça-feira — Prova de língua portuguesa (ditado e análise) às 9 horas, prova de língua portuguesa (redacção) às 10.30.

Julho, 22, quarta-feira — Prova de geografia às 9 horas, prova de história às 10 horas.

O número total de 85 alunos, entram todos nos mesmos dias e horas acima designados.

Receitas Municipais

No orçamento da Câmara de Guimarães para o ano de 1936 está prevista uma receita global ordinária de 1.995.909\$00 de que a Câmara poderá dispor para as suas despesas, no caso, pouco provável, de se realizar inteiramente a previsão orçamental.

Vejamos como se calculou esta receita.

Entre as verbas mais avultadas que constam do orçamento figura, em primeiro lugar, a que provém das percentagens adicionais às contribuições do Estado e que se eleva a 520.000\$00. Do seguinte quadro se vê claramente como se obtém esta verba:

1)	Contribuição Perdição rústica . . .	240:000\$00
2)	» » urbana . . .	86:500\$00
3)	» Industrial, Grupo A . . .	10:000\$00
4)	» » Grupo B . . .	50:000\$00
5)	» » Grupo C . . .	130:000\$00
6)	» sôbre profissões liberais . . .	3:500\$00
	Soma . . .	520:000\$00

A seguir em importância vêm o imposto de consumo sôbre carnes, que está calculado em 360.000\$00, e o imposto sôbre vinhos verdes e outras bebidas que se deve aproximar dos 215.000\$00 inscritos. Se a estas verbas acrescentarmos a que deve render o imposto sôbre peixe, legumes etc, na importância de 42.750\$00, obtém-se o rendimento orçamental dos impostos indirectos que se eleva a 617.750\$00.

A derrama para os novos Paços do Concelho e largos, avenidas e ruas vizinhas foi computada em 175.000\$00; a cobrança excedeu a previsão.

No capítulo 3.^o — Taxas e Rendimentos de diversos serviços — avultam os seguintes rendimentos:

De licenças de Comércio e Indústria . . .	170:000\$00
Dos Mercados e Feiras	120:000\$00
De Compensação a receber do Estado pelo imposto de veículos automóveis	85:000\$00
Das Companhias de Seguro para serviços de incêndios	30:000\$00
Outras receitas menores	55:400\$00
Sôma este capítulo	460:400\$00

O capítulo 4.^o abrange apenas o fornecimento de água a particulares que renderá 60.000\$00.

No capítulo 5.^o estão calculados os rendimentos dos bens próprios do município, tais como rendas de casas, do Internato Municipal, juros de inscrições e depósitos. Sôma todo o capítulo 47:257\$00.

Finalmente incluem-se no capítulo 6.^o — Reembolsos e Reposições — 32.400\$00 que têm contrapartida na despesa.

Falta-nos indicar apenas 50 contos do impôsto sôbre veículos de tração animal entrados nas barreiras, 20 contos de subsídios a receber do Estado para edificios escolares e mais 13.850\$00 de verbas, num total de 83.850\$00.

Tudo somado perfaz o total global de 1.995.909\$00, como claramente se vê pelo seguinte quadro.

Percentagens sôbre contribuições do Estado	520:000\$00
Impostos indirectos	617:750\$00
Derrama para os Paços do Concelho e avenidas	175:000\$00
Taxas e rendimentos de diversos serviços	460:400\$00
Fornecimento de água a particulares	60:000\$00
Bens próprios do Município	47:259\$00
Reembolsos e reposições	32:400\$00
Por entradas de barreiras, subsídios do Estado e outras pequenas receitas	83:850\$00
Sôma	1.995:909\$00

PEDIBOLA

Vitória 8 — Vianense 2

A despedida de Vergílio

Encerrou, domingo passado, a época de futebol, com uma satisfatória actuação, o Vitória S. C.

Apesar da superior classe do seu antagonista, o aguerrido e valoroso Vianense, os rapazes do Vitória imprimiram à luta toda a sua vontade e fogosidade, pelo que exerceram cerrado domínio, que lhes permitiu um triunfo por uma larga margem de bolas.

Viória justa, apenas ditada pela superioridade da actuação, podia ter a sublinhá-la um maior número de pontos, pois foram inúmeras as oportunidades de «goal feito» que os nossos dianteiros perderam.

Todas as tentativas de ataque dos visitantes resultaram quasi sempre inúteis, mercê do impeto defensivo dos médios e «backs» do Vitória, oportunos nas entradas, enérgicos no despachar e conscientes na posse.

Ricoca teve poucas mas retumbantes defesas, que mercerem fortes aplausos à vasta assistência que guarnecia o rectângulo.

O Vitória marcou no primeiro tempo 3 bolas, por intermédio de Clemente, 2 e Laureta 2.^o I, contra uma do visitante.

Na segunda parte foram marcadores Vergílio e Pantaleão.

Arbitrou com imparcialidade e acerto, o sr. António Neves.

No intervalo a direcção do Vitória prestou uma sentida homenagem ao jogador Vergílio, que pela última vez envergava a equipe do Vitória.

Veterano nas lides desportivas, Vergílio conquistou a simpatia dos seus dirigentes, colegas e público, pela correcção, lealdade e nobreza, como praticava o futebol.

Filho de gente humilde, modesto trabalhador, Vergílio soube, com aquela perspicaz intuição que caracteriza o nosso povo, portar-se na sua conduta de desportista com apuro e dignidade, no mais amplo conhecimento dos atributos inerentes aos jogadores de futebol.

Ninguém lhe aponta uma incorrecção.

Abandona a equipe do seu grupo com a consciência de que nunca deslustrou o «Vitória».

Vergílio soube aliar ao valor técnico de jogador, as qualidades morais do desportista.

Jogador consciencioso e inteligente, desportista leal, Vergílio pertence ao número daqueles que vêem no adversário não um inimigo, mas um defensor de outras cores.

Vergílio, retirou-se, pois, dos campos de futebol com a consciência de que dignificou o desporto, prestigiou o grupo e serviu a Terra.

Honra lhe seja!

SANTA MARIA E ALJUBARROTA

Fernando morrera.

Em Portugal há ansiedade.

Morrera Fernando e a sucessora, sua filha, era casada com um rei estrangeiro — João de Castela.

E Portugal levanta-se — a voz da Raça — unidos no amor da Pátria, e ergue a sua voz de monte em monte, de colina em colina: — independência, independência!

Era a voz da Raça — Raça Lusitana, diferente, bem diferente, **em tudo**, da castelhana — que se alevantava para defender seu torrão — até geologicamente o era diferente, bem vincado, do de Castela — torrão bemdito de seus avós: Viriato, Afonso, Egas, Dinis...

E o chefe — Deus, sempre nas horas graves dêste povo heróico lhes mandava um chefe digno dêle — aparecera...

Tinha o mesmo nome de João e seria também o primeiro do nome.

«*Deu sinal a trombeta castelhana, — Horrendo, fero, ingente e temeroso;*» — E o combate começa. Eram poucos os portugueses, mas o seu desejo de expulsar o intruso da sua terra querida era ciclópico. A terra treme debaixo das patas dos cavalos, as lâminas tilintam quebrando-se, os gritos e troar das primitivas máquinas de guerra, recrudescem.

Combatem ao lado de Castela portugueses — «*dos portugueses — Alguns traidores houve algumas vezes*» — mas pagam cara a sua traição, morrendo na batalha cobertos pela sua infâmia. Há desalentos, que logo se animam e aumentam de ferosidade!

Há esperanças, — juventude ardente e aguerrida, que combate mais e mais, sempre em frente, — a vanguarda, ala moça da gente namorada!

Os chefes moços eram. E, na frente, lá estão êles com a mocidade, mocidade na alma e mocidade nos anos, defendendo sua terra bem dita.

E a batalha acaba numa fuga desordenada das hostes inimigas e a «*bandeira castelhana — Foi derribada aos pés da Lusitana*».

Acabara a batalha há três dias.

Vem João em romagem a Guimarães — terra de Santa Maria, Berço da Pátria — dar graças «*a Quem lhe deu a vitória*» e oferecer à Virgem Santa Maria da Oliveira o altar, despojo do rei castelhano, o pelote que usara na batalha «*e outras ofertas*» e manda fazer grandes obras na sua Igreja.

E depois se ergueram Santa Maria da Oliveira e Santa Maria da Batalha, irmãs gémeas, marcos da mesma glória!

* *

Vai em Agosto dêste ano reünir-se, em peregrina romagem patriótica, nos campos de Aljubarrota, a juventude portuguesa, por mandato da Nação.

Essa mocidade desassombrada e intransigente, sem culpas no passado, com um ideal forte e construtivo no presente, para o alevantamento do Portugal doutrora, há-de, fremente de amor pátrio gritar bem alto nesse sacrossanto altar da Pátria, o seu nacionalismo puro e inflexível e da província do Minho à de Timor se há-de ouvir o grito de: **Portugal, Independência!**

E por que em Aljubarrota? E' que foi em Aljubarrota que soou o grito da juventude: Portugal!

D. João era moço, moço era D. Nuno.

Homenagem póstuma ao Padre Gaspar Roriz

Atingiu foros de grandiosa apoteose a homenagem prestada por Guimarães ao Padre Gaspar Roriz, no domingo passado:

Todo o povo desta terra se associou com o mais enternecido carinho às consagrações em honra da memória do ilustre homenageado.

De manhã, pelas 10 horas, Mgr. Torres Carneiro celebrou uma missa, em sufrágio da alma do Padre Gaspar Roriz, no templo de S. Francisco.

A «igreja estava literalmente cheia.

Durante êste acto religioso o orfeão, sob a regência do sr. Filinto Nina cantou a *Ave Maria* e o *Libera-Me*.

Na capela-mor encontravam-se as autoridades locais, colectividades, instituições de caridade, religiosas, Sindicatos, grupos recreativos, etc., etc.

Após esta cerimónia procedeu-se ao descerramento da lápide «Rua Padre Gaspar Roriz», na antiga rua dos Terceiros.

Presidiu a esta solenidade o sr. A. L. de Carvalho, em nome do Município, ladeado pelo Mgs. João Ribeiro, delegado de Sua Eminência o sr. Cardial Patriarca, e pelo sr. Administrador do Concelho.

Em rápidas palavras o sr. A. L. de Carvalho afirmou o júbilo que o organismo que representa sente em associar-se a estas homenagens consagradoras de um filho de Guimarães, que durante

a sua vida sacrificou-se pelo amor de Deus, da Pátria, da terra e da família.

Em seguida o distinto poeta sr. Jerónimo de Almeida, digno presidente do «Grupo Padre Gaspar Roriz», leu um expressivo discurso em que focou a personalidade do homenageado sob todas as facetas.

Pela irmã do saudoso Padre Gaspar Roriz, ex.^{ma} sr.^a D. Maria de Oliveira Roriz, foi descerrada a lápide, entre acordes de música, revoadas de pombas, estrolejar de foguetes e aplausos da vasta multidão que assistiu a esta tocante solenidade.

Organizou-se, seguidamente o cortejo em romagem ao túmulo do Padre Gaspar Roriz, formado por escoteiros, banda da Oficina de S. José, protegidos das casas de caridade, colégios, jocistas, academia, banda de Vizela, Associações com os seus estandartes, autoridades e Bombeiros Voluntários com a sua banda.

Junto ao mausoléu do homenageado o sr. Jerónimo de Almeida leu uma poesia repassada de saúde e gratidão, e o sr. Jerónimo Sampaio proferiu um discurso emocionante, em que a figura do homenageado surgiu evocada com vibrante sensibilidade.

De tarde, pelas 17 horas, realizou-se a sessão solene no salão nobre da Sociedade de Martins Sarmento.

(Continua na 6.^a página)

Eram moços os chefes, moços os jovens que os seguiram.

Eram poucos, eram melhores — «o número fôra substituído pela alma» — a vitória foi certa!

1385 — Lição da juventude!

1936 — Lição à juventude!

*

* *

Vimaranenses:

Que acorde em vós o orgulho doutrora!

Que a voz da Raça desperte em vós, sacudindo êsse turpor filho dum século, e ide, ide peregrinos da Pátria ajoelhar nos campos de Aljubarrota, dar graças a Deus.

A Pátria é uma verdade eterna. Deixai os profetas da desgraça e parti, ide à Batalha e respondei ao chamamento da Nação com o vosso **presente!**

A Pátria e Deus vos agradecerão! E a nossa terra fala-nos tanto de lá...

Santa Maria e Aljubarrota — Guimarães e Batalha! Como as duas andam tão unidas, tão irmãs!

Há seis séculos, em religiosa romagem vem D. João I a Guimarães agradecer à Virgem o seu amparo...

Hoje, seis séculos passados, em que, como nesse tempo, alguns traidores portugueses se aliam com os inimigos de então, unamo-nos, e gritemos com todos nos campos de Aljubarrota: **Portugal, Independência!**

ANTÓNIO-LINO.

A 2.ª CARTA DO SR. ALVES DE OLIVEIRA

Guimarães, 6 de
Julho de 1936.

... Director de *O Berço da Grei* — Guimarães.

Ex.^{mo} Sr. — Julguei que a minha carta, publicada no n.º 25 de *O Berço da Grei*, seria suficiente para pôr termo às insinuações tórpes que me foram feitas. Vejo, porém, que se não dão por satisfeitos. Continuemos, pois, já que persistem nas insinuações.

Uma vez que a alusão directa que me era feita, estava naquela passagem em que se diz «que no *N. de G.* andavam conluídos discípulos e detractores de António Sardinha, a resposta está dada na afirmação que fiz: «Se agora, quem quer que fôsse, pretendesse amesquinhar a memória do meu Mestre de sempre, a minha atitude seria precisamente a mesma», a que acrescentei «eu não preciso de entrar em conluídos políticos, sejam de que natureza forem — quer com os políticos antigos, quer com os políticos actuais». Portanto aquela transcrição que se faz da revista *Gil Vicente* está deslocada porque ali delendia-se que «é preciso manter na sua pureza primitiva, sem ligações que a adulterem, aquela grande ânsia de resgate nacional, que inundou a nossa alma duma luz nova e nos despertou para as batalhas largas do tradicionalismo português». Existe, porventura, qualquer ligação entre as batalhas do tradicionalismo português e a batalha de bairrismo vimaranense que mantí no *Notícias de Guimarães* para se comemorar condignamente a passagem do IV Centenário Gilvicentino?

Se me referi ao caso da célebre comissão política do Centro Católico, foi só para vincar que para alguns neo-nacionalistas de hoje nem sempre os democráticos foram tão maus como agora os pintam. E tanto assim que, quando os políticos antigos dispunham de influência e de lugares de mando, alguns desses neo-nacionalistas não tiveram pejo de se aliarem a eles... para levarem a água ao moíno.

Ainda há dias a gentileza de um amigo reuniu, em «carinhoso convívio», na mesma casa e à mesma mesa, além do sinatário e de outras pessoas, os directores do *Notícias de Guimarães* e do *Berço da Grei*. Porventura, esses dois directores, saíram amesquinçados por terem acedido ao convite que lhes foi feito? Também eu, por aceitar o apoio espontâneo que me foi dado pelo *Notícias de Guimarães*, quando tratei da comemoração Gilvicentina, posso sentir-me amesquinçado só porque o amor à terra, e só esse, reuniu, no mesmo jornal, «discípulos e detractores de António Sardinha»? Os interesses de partidos não conluíram, outrora, como citei na minha úl-

Em resposta á 2.ª carta do Sr. Alves de Oliveira

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, o sr. A. Malheiro afirmou no n.º 24 de *O Berço da Grei*, em alusão directa ao sr. Manuel Alves de Oliveira, que no *Notícias de Guimarães* andam conluídos discípulos e detractores de António Sardinha.

Tal era o poder categórico desta verdade, que o sr. Oliveira admitiu-a e perfilhou-a integralmente, nestas expressivas palavras: «também eu, por aceitar o apoio espontâneo que me foi dado no *Notícias de Guimarães*, quando tratei da comemoração Gilvicentina, posso sentir-me amesquinçado só porque o amor à terra, e só esse, reuniu, no mesmo jornal, «discípulos e detractores de António Sardinha»?

Claramente, o sr. Oliveira reconhece a verdade da nossa acusação.

Isto demonstrado, podíamos, triunfantes, pôr já ponto final nesta questão, porque as divagações e os argumentos irrisórios não nos interessam.

Não podemos, porém, deixar de sublinhar o desafio e a petulância com que o sr. Oliveira classifica de insinuação tórpe, uma verdade autenticada pela sua própria assinatura.

Para um jornalista ilustre que, estrondosamente, abalou o prestígio da Academia de Ciências, esta fragilidade de dialéctica representa um retumbante fracasso.

Onde está a lógica do sr. Oliveira?

São também dignas de misericórdia atenção as *formidáveis* vozes que o sr. Oliveira apresenta para atenuar a gravidade do conluio.

Invoca, no propósito de justificar a cedência ao convite do

tima carta, políticos de ideias diversas? Não se encontram hoje reunidos, nas organizações políticas da União Nacional, antigos democráticos com antigos monárquicos, antigos católicos com antigos não católicos? O interesse nacional — segundo se afirma — não conluiou **adversários políticos de ontem, transformando-os em camaradas e aliados políticos de hoje?** Não vemos nós, em diversos jornais de colaboração paga, escreverem pessoas de credos políticos e religiosos, diferentes e opostos? Serei eu só o único nacionalista que colabora no *Notícias de Guimarães*? Prova-se que não. E não o sendo, onde está a lógica do *Berço*?

Manuel Alves de Oliveira.

Notícias de Guimarães, que o director de *O Berço da Grei* também anuiu ao convite de um amigo para uma reunião numa casa onde o director do *Notícias* compareceu.

Mas que analogia encontra o sr. Oliveira nestes convites?

O director de *O Berço* acedeu ao convite de um poeta nacionalista e cristão, e o sr. Oliveira ao convite do director de um jornal que além de atacar princípios basilares do Mestre António Sardinha, chegou em diversos números a achincalhar a facção de que o sr. Oliveira era nesta cidade delegado do Secretariado Geral.

Como o sr. Oliveira anda amnésico!

Pegue no n.º 90 de 15 de Outubro de 1933 do *Notícias de Guimarães* e leia aquelas depreciativas expressões que o jornal onde o sr. Oliveira hoje anda conluído com os detractores de Sardinha, *dedicou* à doutrina de que o sr. Oliveira era fervoroso arauto nesta cidade!

Como o sr. Oliveira esqueceu os termos «novo elixir», que o *Notícias* usou para deprimir a propaganda dos seus princípios!

Não basta dizer-se, em altas parangonas, que se é fiel à memória do Mestre. E' preciso também saber honrá-la, «sem ligações que a adulterem».

Triste, muito triste sr. Oliveira! Mas que diabo de analogias encontrou o sr. Oliveira nos dois convites?

E' esta a sua lógica, sr. Oliveira?

O sr. Manuel Alves de Oliveira, que como um naufrago agarra-se a todas as tábuas de salvação, apresenta também um argumento que nos deixou boquiabertos e estupefactos!

Invoca o facto de na U. N. se encontrarem antigos democráticos com antigos monárquicos, antigos católicos com antigos não católicos, transformados em camaradas e aliados políticos de hoje.

O sr. Oliveira, pelo que claramente se depreende pertence também ao número dos que não admitem a evolução do pensamento.

Exige a cristalização das inteligências nos mesmos conceitos e raciocínios.

Esta é que é a lógica do sr. Oliveira!

O sr. Oliveira, sempre no propósito de torcer esta questão, por nós colocada com a máxima lealdade, afirma a seguir à parte da carta transcrita que a verdade é outra, e como é outra, diz

o sr. Oliveira, «vamos lá desfiar a meada».

E na verdade desfia uma extensiva meada que por estar à margem do assunto em foco não lhe damos publicidade.

Convidamo-lo a publicar essa prosa tendenciosa no *Notícias de Guimarães*, juntamente com os «suetos» avariados dos detractores de António Sardinha.

O sr. Oliveira termina a sua infeliz carta com estas substanciais e expressivas palavras do nacionalista Dr. Manuel Múrias, que nós integralmente perfilhamos:

«Somos dos poucos (afinal) que não precisaram de aderir; e não e sem alegres risos de bom humor que assistimos à vinda apressada de tantos que as ideias não converteram mas as realizações parecem ter reduzido — e que no entanto, perante os que já cá estavam, parecem tomar a singular atitude de quem se julga estar em condições de nos dar ou negar licença para entrarmos na nossa própria casa.

«Há um domínio que nos interessa, porém, e que não estamos dispostos a deixar tomar pelo primeiro (o último) que chegue. E' o domínio dos princípios, — a serena estância do espírito em que os aventureiros não podem evidentemente encontrar lugar. Pouco nos interessa o resto: — mas se há quem pretenda erguer contra nós, interesseiramente, as nossas próprias doutrinas importa que lhes lembremos que não se trata de fazendas rendosas capazes de ser exploradas por quem calha a tróco de retribuição pelo aluquer.

«Nestes últimos onze anos tem havido muita surpresa e muita atitude paradoxal.

Mas não, evidentemente, dos que já cá estavam».

A infelicidade da carta do sr. Oliveira está atenuada pela beleza desta transcrição.

Queremos, porém, afirmar-lhe, sr. Oliveira, que a sua posição e a do Dr. Manuel Múrias, antigo e brilhante director da *Revolução Nacional* são muito distintas.

O sr. Dr. Manuel Múrias, fiel à fé jurada, nunca se mancomunou com os detractores de António Sardinha.

E, ponto final nesta questão.

TURISMO

Têm sido muito visitadas as nossas estâncias de turismo por grupos vindos de vários pontos do País.

C O R P O R A T I V I S M O

Leões considerações

Ser homem do Estado Novo implica, concomitantemente a propaganda, defesa e aplicação da doutrina corporativa.

Esta condição é uma exigência basilar para todo aquele que pretender incorporar-se na falange dos situacionistas.

A falência do sistema da livre concorrência, da luta livre usada em comércio entre membros da mesma classe, como se exprimiu o sr. Vítor Guedes, impõe, como necessidade imperiosa uma disciplina e condenação, que só a organização corporativa exemplifica.

Para melhor defenirmos o sistema ruinoso da livre concorrência, transcrevemos estas expressivas palavras do sr. Vítor Guedes:

«Na ânsia de nos sobrepor ou, como vulgarmente se diz, de apanharmos o mundo com as mãos sem deixarmos lugar para o vizinho, temo-nos lançado uns contra os outros como terríveis jogadores de «agarra-te como puderes», e nessa luta desordenada e sem regra temos ido deixando pelos *rings* dos nossos mercados pedaços de nós mesmos.»

Estas verdades traduzem o reconhecimento da instauração da nova ordem económica.

Infelizmente, são poucos os homens que possuem nma mentalidade corporativa.

A consciência política provinciana está ainda influenciada pelas manhas progressistas e pelos expedientes democráticos e por esse motivo sem elementos de reacção contra a influência dos abencerragens do liberalismo.

Quando os defensores esclarecidos acordarem do sono da criminoso oportunidade em que vegetam, hão-de concluir de pronto que não é no seio de elementos renitentes à aceitação da Nova Ordem que se recrutam ou que se escolhem os elementos orientadores.

Numa época em que a propaganda política tem que ser quase exclusivamente corporativa como a orientação (como a sentirão, nem se pergunta...) aqueles que repelem a organização patronal para, mais facilmente, com os seus milhões, desbaratarem os pequenos ou remediados industriais, e a organização operária para melhor disporem dos salários de miséria e dos horários sem limites?

Que todos os comerciantes, industriais e exportadores meditem na dolorosa experiência do liberalismo económico!

Organização Corporativa

Um notável diploma

Pela pasta do Comércio e Indústria acaba de ser publicado um importante diploma que visa ao enquadramento da indústria de lanifícios na orgânica corporativa.

Segundo este decreto o Governo cria a Federação Nacional das indústrias de lanifícios com sede na capital e Grémios na Covilhã, Castanheira de Pera, Porto e Lisboa. Este diploma, traçado com uma luminosa visão do problema, irá submeter à disciplina corporativa a indústria de lanifícios, eliminando-lhe muitas das causas que embaraçam e prejudiquem o seu exercício.

«Como se impunha, o aspecto social do problema não foi também esquecido e dando-se, como se espera, realização progressiva aos objectivos que constam do diploma, será mais um sector da economia nacional a libertar-se dos mitos nefastos da luta de classes».

Estas palavras, transcritas do relatório que precedem o decreto, estão plenamente concretizadas no capítulo-Fins dos Grémios, art. 10.º do parágrafo 7.º:

compete aos Grémios promover a melhoria das condições económicas e sociais do pessoal das empresas agremiadas e ajustar com os respectivos Sindicatos Nacionais contratos colectivos de trabalho, cooperando na fundação progressiva de instituições sindicais de previdência destinados ao mesmo pessoal.

Aos Grémios pertencem, obrigatoriamente, todas as empresas situadas nas áreas respectivas que utilizem ou venham a utilizar a lã como matéria prima, e paguem contribuição ao Estado pelo exercício de qualquer das seguintes indústrias: lavandaria, cardação, penteação, fição de cardado e penteado, tecelagem, tinturaria, ultimação, malhas, mungas e fabricação de tecidos em oficinas pertencentes a outrem.

E' este o primeiro grupo industrial que se subordina aos preceitos da organização Corporativa.

Com segurança e firmeza, vai-se instaurando a nova ordem económico-social sob a égide do Estado Novo.

VIDA SINDICAL

No espontâneo desejo de se organizarem, os nossos operários ainda não sindicalizados congregam-se e unem-se com o elevado objectivo da formação de Sindicatos, baluartes da defesa dos seus justos interesses.

Agora cabe a vez à classe dos pentieiros, da sua sindicalização.

A comissão organizadora trabalha com afeição na redacção dos estatutos do Sindicato Nacional dos Operários Pentieiros do distrito de Braga com sede em Guimarães.

A comissão concelhia da União Nacional recebeu também um officio do Sindicato dos Operários da Construção Civil de Fafe, convidando-a a prestar o seu auxílio à formação da secção do Sindicato dos Operários da Construção Civil nesta cidade.

O *Berço da Grei* espera que esta nova secção saiba integrar-se no espírito do Estatuto que rege as organizações sindicais, com lealdade e desejos de cooperação.

Espera-se que a secção a formar nesta cidade nobilite o Sindicato Nacional dos Operários de Construção Civil, imprimindo-lhe uma actuação dignificante.

Acôrdo colectivo

No salão nobre da Associação Comercial e Industrial realiza-se brevemente uma nova reunião dos industriais de cutelaria para o estudo das bases da organização do acôrdo colectivo.

Era da máxima conveniência que, finalmente, se enveredasse pelo bom caminho.

A concorrência desregrada que perturba a vida da indústria de cutelaria, propicia a ruinosas consequências, e a angustiada situação económico social dos operários, não podem, por princípio nenhum, persistir.

O acôrdo colectivo salvaguardará os direitos de patrões e operários, num plano de justa conciliação.

Reconhecido o fracasso desta tentativa corporativa a imperiosa solução será encontrada com carácter menos simpático.

Que os senhores industriais de cutelaria, por unanimidade, reconsiderem e reflitam, são os nossos mais ardentes votos.

Vida ao ar livre

Todos os grandes pedagogistas de hoje tem cantado hinos à vida ao ar livre.

A vida no campo, na montanha ou na praia — com educação física, água, ar e luz em abundância, equilibra a saúde do corpo, base da saúde mental.

Precisamos de retirar a criança dos meios populosos — e principalmente nos meios operários, onde a doença cresce assustadoramente — e salvar-lhe o seu físico combalido, levando-a para uma colónia de vida ao ar livre. Ao médico higienista compete a escolha de local para cada criança (campo, montanha ou beira-mar).

Façamos a apologia da vida em «colónia de férias».

Lutemos pelo robustecimento da raça, por meio da altura física.

A cultura do corpo, por meio da ginástica ao ar livre, banhos de sol, de ar, ar puro e tonificante, robustecem fisicamente as crianças nas férias, tornando-as aptas a cumprir os seus deveres escolares no ano lectivo que se lhe segue.

E não é aos pais — na mais das vezes com salários que mal chegam para comer — a quem compete mandar seus filhos para a praia ou montanha.

A exiguidade de salário, o desconhecimento das verdades sociais e sentimentos humanitários de grande parte dos patrões — e bem podiam ter iniciativas desta natureza, fundando «colónias de férias para os filhos dos seus operários — a falta de iniciativa de outras organizações, são factores que muito contribuem para a mortalidade infantil em Portugal.

*

* *

A tonificar o corpo, têm partido para a praia nos meses de verão, as crianças das escolas e asilos de Guimarães.

Feliz iniciativa, digna dos louvores de todos, tem sido cumprido nos anos transactos.

Como até hoje não ouvimos falar na ida, este ano, de crianças para a praia, lembramos daqui que não se esqueçam das crianças.

Criemos um Portugal forte para a amanhã. Só olhando pela saúde das crianças de hoje o formaremos mental e fisicamente robusto.

A.

Notas corporativas

Finalmente, o corporativismo em Guimarães adquiriu uma acção decisiva, ganhou terreno, é uma ideia triunfante, numa ascensão contínua.

Os operários, especialmente os da indústria têxtil, reconhecem os benefícios que vão gozando os primeiros sindicalizados e por isso nestes últimos dias se registaram alguns milhares de adesões, facto demonstrativo de que o Estado Corporativo beneficia a classe operária.

Os patrões, por seu turno, têm prestado alguma colaboração ao Sindicato dos seus operários, especialmente no que respeita à colocação de operários sindicalizados.

Há-os que não admitem operários a trabalhar na sua fábrica sem primeiro saber junto da direcção do Sindicato se estão filiados neste organismo.

Destaquemos, neste caso, a Fabrica de Fiação e Tecidos da Madroa, a de Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Pevidém, e a de Joaquim da Cunha, Covas.

Os outros industriais, se não estimulam à sindicalização, contudo, não põem obstáculos.

No que diz respeito a colocações, o Sindicato actualmente só possui 3 ou 4 desempregados.

Este facto consolador deve-se a alguns patrões que só admitem ao trabalho operários desocupados inscritos no Sindicato.

Estão neste caso, além das acima mencionadas, a Fábrica da Cuca, a de Vital Marques Rodrigues, a Têxtil Vizelense, e a de João Ribeiro da Cunha.

Oxalá que os restantes patrões adoptem o mesmo processo para colocação de desempregados, porque nos meios operários o Estado Corporativo está já vitorioso e triunfante.

Serviço militar—A cada passo se constata que muitos patrões desconhecem muitas das leis promulgadas pelo Estado Corporativo.

Vem isto a propósito de alguns industriais negarem a readmissão na sua fábrica ou oficina a mancebos que regressam do serviço militar.

Para completa elucidação transcreve-se o art. 29.º do Estatuto Nacional de Trabalho, bem claro e expressivo:

«É garantido a empregados e operários das empresas privadas o direito ao lugar durante o tempo em que forem obrigados a prestar serviço militar.»

Infelizmente este artigo parece ser desconhecido por alguns patrões que se opõem à reentrada dos operários que regressam de servir a Nação.

O Sindicato, porém, na sua sacrossanta tarefa de defesa das justas regalias que o Estatuto Nacional de Trabalho concede aos operários sindicalizados, tem lembrado com êxito o cumprimento do art. 29.º. Ainda bem...

XICO BAIO.

Homenagem póstuma ao Padre Gaspar Roriz

(Continuação da 3.ª pagina)

Assumiu a presidência o sr. capitão Mário Cardoso que pronunciou algumas palavras pondo em relêvo a acção bairrista do Padre Gaspar Roriz, elevada, nobre, serena e construtiva, em flagrante contraste com a «apagada e vil tristeza» dos nossos dias.

Depois de lembrar a acção do homenageado como presidente da direcção da Sociedade Martins Sarmento, num período difícil, convida para presidir o sr. Padre Gaspar Nunes, da comissão promotora das homenagens, que se fez secretariar pelos srs. Mgr. João Ribeiro e capitão Mário Cardoso, e declina o seu lugar ao representante da Câmara, sr. A. S. de Carvalho.

E' concedida a palavra ao sr. dr. Eduardo de Almeida que proferiu um empolgante discurso, rendilhado na forma, elevado no conceito, que durante cêrca de meia hora suspendeu, embevecida, toda a assistência da magia da sua palavra.

Em cenário próprio, com a sua côr histórica, o orador traçou, num discurso de rigoroso acadêmico, a figura varonil do Padre Gaspar Roriz.

No final foi muito aplaudido. D. Maria Celeste Nobre Lima recitou, com ternura, a poesia *Meus Pais* do Padre Gaspar Roriz.

O segundo orador da sessão era o rev. dr. Cândido Abílio de Almeida Gomes, que proferiu uma oração esmaltada de elevados conceitos de moral cristã.

Lembrou, numa calorosa exortação às senhoras presentes, que a homenagem mais condigna à memória excelsa do Padre Gaspar Roriz, nesta hora conturbada, está na exemplificação do alto signicado que a vida do homenageado encerra no seu amor a Deus, à Pátria e à Família.

Recebeu muitos aplausos.

A sr.ª D. Maria Rosa Nobre recitou com suave enternecimento, uma poesia do Padre Gaspar Roriz, intitulada «1914», que o seu autor dedicou às

bodas de oiro do casamento de seus pais.

Para encerrar esta elevada sessão, o sr. Jerónimo Sampaio recitou com emoção e arte, uma poesia do homenageado.

A' noite realizou-se no salão da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, o sarau em honra do Padre Gaspar Roriz. Em primeiro lugar o sr. dr. Adelino Jorge proferiu um discurso, em que mais uma vez foi focada a personalidade do Padre Gaspar Roriz.

Seguiram-se no uso da palavra dois representantes de grupos recreativos do Pôrto, e o sr. Aurélio Ferra, que leu, com entusiasmo e vibração, uma poesia de sua autoria em homenagem ao Padre Gaspar Roriz.

Seguiu-se a representação do «Concurso», desempenhado com graça e mimo por um grupo de gentis criancinhas.

Decorridos instantes foi pôsto em cena «O Herói Minhoto», episódio dramático em 2 actos, trabalho teatral de subido engenho, do Padre Gaspar Roriz. Este episódio foi interpretado com requintado gôsto artístico por antigos amadores, que não quiseram deixar de prestar o seu concurso às homenagens de Guimarães a um dos seus mais ilustres filhos.

Finalmente, o orfeão, sob a regência do sr. Filinto Nina, fechou este dia memorável com o Hino da Cidade, letra do homenageado e o Hino Nacional.

Com Guimarães e Portugal, entrelaçados na harmonia do canto, encerrou-se esta consagração a Padre Gaspar Roriz, vimaranense e patriota ardente, fervoroso e entusiástico.

Ao Grupo Dramático «Padre Gaspar Roriz», ao Sindicato dos Empregados do Comércio, organizadores da homenagem, e ao sr. Américo Ferreira, impulsor desta consagração, os nossos parabéns pelo êxito obtido.

Cadela coelheira

Perdeu-se, amarela, com patas brancas e orelhas «guixes», que dá pelo nome de Viana. Gratifica-se a quem a entregar na fábrica do Arquinho, e procede-se, a todo o tempo contra quem a retiver.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

CONSULTA:

GUIMARÃIS: Hospital de Santa Casa de Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 horas.

BRAGA: Todos os dias úteis—Largo Barão S. Martinho, 78.

Do concelho

Vizela, 13 de Julho

A descrição duma praia ou terra é fácil, quando a sua vida tem movimento ordenado e rítmico.

Isto não sucede com Vizela, cheia de múltiplas distrações.

Contra os que afirmam que esta terra pouco tem progredido, está bem claro o que se avista desde a Estação ao Hotel, onde o cliente encontra este ano como nunca uma transformação geral.

Visitamos hoje o grande balneário, honra máxima para Vizela, e ali reconhecemos como sempre o movimento, a boa atenção e vontade para todos, desde os mais abastados aos mais humildes, havendo sem distinção solitudes e desvelos.

Dentro em breve teremos sonoro ao ar livre, bem como um serviço esmerado no Pavilhão. Como não será difícil descrever assim a vida dumas Termas, talvez as únicas a quem a nota negra, da crise ainda não bafejou? Apesar de grande concorrência de águas, Vizela caminha sempre vitoriosa graças ao seu clima e às suas tam conhecidas e miraculosas águas.

Vizela é hoje conhecida em várias partes do mundo, não pelos seus reclamos, que é cousa para que Deus não lhe deu geito, mas sim pelas curas, verdadeiros milagres das suas águas.

Não fica por aqui a especialidade, também temos outra, que é o Pão de Ló «Delícia» orgulho da indústria.

Este afamado «Delícia» que toda a gente de bom gôsto conhece tam bem, nos honra como vizelenses e para não me alongar direi que a região vinhateira é das melhores do País.

Vizela é digna de visita por tudo isso e porque ainda é dos pontos mais encantadores do Minho, deste Minho que é o maior encanto de Portugal.

Abuso que findou bem—Na passada segunda-feira, pelas 20 horas, chegou aqui uma motociclete com dois *sportsman*, que da Estação à Ponte com a marcha dos 100 à hora fez indignar toda a gente, pelo que podia originar graves conseqüências, dado o grande movimento que tem a rua dr. Abílio Tôres a essa hora. Apesar de verem que todos lhes estavam a criticar a brincadeira, não fizeram caso e sempre para baixo e para cima em grande velocidade continuou, mas «como não há bem que sempre dure» ficou preso pois nem descontos tinha o brinçalhão. Consta-nos que a multa é de categoria, o que é de louvar para pôr ponto final nos meninos bonitos que fazem da principal rua uma pista, onde vêm demonstrar as suas «chiquesas».

Domingos Ribeiro—Na hora que passa, hora incerta, é difícil encontrar alguém, que sem outro

(Continua na 7.ª pagina)

DO CONCELHO

(Continuação da 6.ª página)

fim, trabalha pela sua terra, para que mais tarde, pelo uso, receba mal sem o merecer.

Domingos Ribeiro, mestre de construção civil, no intuito de ver a nossa terra na vanguarda das terras onde impera a civilização com imenso trabalho, tem conseguido que a nova banda de Vizela de dia a dia tenha maior número de adeptos e que assim, será uma das melhores bandas do país dentro em breve.

A êle, pois, envia *O Berço da Grei* o seu maior aplauso e parabens por assim ver que bem merece de todos os vizelenses a estima e consideração pelo seu trabalho e iniciativa digna de imitação por muitos que só tratam de «escangalhar» o que tanto trabalho dá. E como dizia o outro, nós também dizemos: para a frente sr. Ribeiro!

S. Bento.—Foi mais um dia de grande alegria ao miraculoso Santo a romaria de II do corrente. Esta festa que faz alguns milhares deromeiros subir à sua ermida, tem de ano para ano aumentado sempre, e é para lamentar que não haja uma Mesa que dirija o seu rendimento a ponto de fazer de tam aprazível ponto um lugar obrigatório do turista.

Sonoro.—Passou a realizar-se às quintas-feiras e domingos as sessões de cine-sonoro e assim hoje realizou-se a exibição do filme *Estrada Imperial* e na próxima quinta-feira outro filme de categoria, *Castelo do Sonho*.

Casino.—Faz a sua apresentação na quarta-feira a orquestra do casino.—C.

Urgêzes, 12

Vitimada por uma pertinaz doença, faleceu na passada sexta-feira a menina Isaura Garcia Teixeira, filha do conceituado marchante desta cidade, sr. Avelino Teixeira e da sr.ª Augusta Garcia Teixeira.

A desditosa menina que nesta freguesia era muito estimada pela bondade do seu carácter, apesar de moça, era uma grande entusiasta da Acção Católica, sendo tesoureira da J. O. C. feminina desta freguesia.

Grande amiga das criancinhas, catequista fervorosa da doutrina divina, era uma católica praticante.

Porém a terrível tuberculose, que não poupa ninguém, em pouco tempo a abarcou, vindo a falecer, após dolorosos sofrimentos, contando apenas 17 anos de idade.

A desditosa rapariga era irmã dos srs. Manuel, José e Jacinto Garcia Teixeira e Camila Garcia Teixeira.

Além da numerosa família de grande respeitabilidade, era sobrinha dos srs. José de Magalhães, José Teixeira e cabo Júlio Teixeira, desta freguesia; do sr. Manuel Martins de Polvoreira e dos srs. António, Manuel e Armando Martins e de Manuel Teixeira, negociantes.

O seu funeral realizado hoje, foi

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarães	= =	Chegada ao Pôrto
8 h., 12,30 e 19,15		10 h., 14,30 e 21,20
Partida do Pôrto	= =	Chegada a Guimarães
8 h., 10,15 e 18,30		10,05 h., 12,15 e 20,45

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	= =	Chegada à Povoia de Varzim
7,15		9,55
Partida da Povoia de Varzim	= =	Chegada a Guimarães
18,50		21,30

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarães	= =	Chegada a Pevidem
7,35		7,50
Partida de Pevidem	= =	Chegada a Guimarães
8, h., 12,30 e 20,55		8,15, 12,45, 21 e 10

AOS DOMINGOS

Safida de Guimarães	= =	Chegada a Guimarães
8,5		8,45
Partida para a Povoia de Varzim		
8,10		

o mais concorrido desta freguesia. Nele se incorporaram além de pessoas de grande respeitabilidade da freguesia e arredores, grupos de jôcistas, não só desta freguesia como de Creixomil e cidade, que transportaram o caixão para a sua última morada.

O corpo da desditosa jovem depois dos responsos fúnebres e mais actos religiosos, foi transportado para o cemitério desta freguesia onde ficou sepultado em jazigo de família.

Paz à sua alma.

O correspondente de *O Berço da Grei*, que de perto conhecia o carácter virtuoso da extinta, sente que motivos forçados o obrigasse a não poder fazer parte do funeral e desde já envia a seus pais, irmãos, tios e demais família, as mais sentidas condolências.—C.

Creixomil, 13

Ao iniciar a missão de correspondente do Jornal *O Berço da Grei* nesta freguesia, felicito o seu director Hugo de Almeida, pela maneira desassomburada como orienta o mesmo. Ao mesmo tempo saúdo todos os habitantes desta freguesia, incitando-os a esquecer todas as desharmonias e a unirem-se num só pensamento, tendo como lema o engrandecimento desta que nós tanto amamos.

Apesar desta missão ser por vezes ingrata e espinhosa, pois não se pode agradar dum modo geral, vamos procurar ser sempre rectos, justos e imparciais, repudiando assuntos mesquinhos e perfilhando

todos aqueles que envolvam o bem colectivo e os interesses vitais desta freguesia, que desejamos próspera e engrandecida; para esta finalidade pugnaremos incessantemente, e estaremos sempre ao lado de tudo, que se relacione com o bom nome de Creixomil.—C.

EDITAL

António José Pereira de Lima, administrador do concelho de Guimarães:

Faz público que para os devidos efeitos e para conhecimento do art. 8.º do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922 a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscricção Industrial, que é do teor seguinte:

EDITAL

Augusto Fernandes, engenheiro-chefe da 1.ª Circunscricção Industrial:

Faz saber que:—António Faria da Silva requereu licença para instalar uma oficina de serralharia e cutelaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de fumos e barulho, no lugar de Alvite, freguesia de Sande S. Martinho, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com Francisco Ribeiro Mendes, sul com José Rodrigues da Silva Crespo, nascente com

A' MARGEM

A's ordens da Frente Popular, alastra na vizinha Espanha a onda do crime, da devastação, da ruína e da morte.

A Espanha cavalheiresca, galharda, nobre e activa, atolou-se às ordens de Moscovo num mar de lama e sangue.

Foi d'êste enchurro que nasceu o atentado que roubou a vida a Calvo Sotello, deputado desassombroso que em pleno parlamento leu a «folha da corrida» da Frente Popular.

Calvo Sotello cafu vítima da sua reacção contra a barbúrdia sanguinolenta em que a sua Pátria se contorce.

«A' Espanha que sofre a nostalgia da ordem e da paz, a expressão da nossa esperança rum futuro melhor que Deus faça reflorir do sangue e das dores de tantas vítimas».

Dr. J. Castro Ferreira

MÉDICO

Ausente até 30 de Julho

caminho público e poente com terreno do requerente.

Serafim Marques da Silva requereu licença para instalar uma oficina de serração, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, no Moinho das Cheias, lugar do Arquinho, freguesia de S. Clemente de Sande, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com terreno de Manuel da Silva Matias, sul e nascente com prédio rústico de D. Luíza Aurora Ferreira Pinto e poente com estrada municipal e Casal de Guimarães de Baixo.

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação d'êste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscricção, com sede no Pôrto, rua Sá da Bandeira, 142, 2.º

Pôrto e Secretaria da 1.ª Circunscricção Industrial, 9 de Julho de 1936.

O engenheiro-chefe,
Augusto Fernandes.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa, 13 de Julho de 1936.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, escrevi,

António José Pereira de Lima.

Pro-Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Ao meu illustre camarada, capitão Manuel José da Silva, alma ardente e espírito superior, pena cintilante ao serviço dos Mortos de Infantaria n.º 20, companheiros de combate na Grande Guerra.

O Castelo de Guimarães e o Monumento aos Mortos X da Grande Guerra X

Quem passou em Guimarães os verdes anos da mocidade, nunca esquece as ruínas sombrias e escuras do velho Castelo. Nobre peça secular, sem belezas de arquitectura e detalhes de escultura, foi levantada como obra defensiva contra as hordas invasoras. Tendo servido de habitação a D. Henrique e a seu filho, sofreu, nos tempos dos primeiros reis, transformações e acrescentes que o tornaram notável e de toda a forma adaptado às exigências daquela época. As suas ameias e paredes seteiradas, as suas siglas ou gravuras pré-históricas, a torre de menagem, os restos ou vestígios da cintura fortificada da «vila do Castelo», as muralhas, torres e portas, que, segundo o estudo de investigação do dr. Luiz de Pina, datam de D. Afonso III, D. Deniz e D. João I, representam esforços de séculos para dotar Guimarães de meios fortes de defesa.

A espada do primeiro rei, tósca e pesada, sobretudo, era admirada com curiosidade por todos os alunos do Colégio de S. Dâmaso, entre os quais: João Meira, Herculano T. Xavier Guimarães, Alfredo Guimarães, eu e muitos mais colegas. Todos os visitantes queriam tomar o péso à formidável espada, percorrendo, com olhos observadores, o interior da igreja de Nossa Senhora da Oliveira e a Colegiada, ali arrastados por um impulso de curiosidade e admiração,—na alvorada do seu sentimento patriótico—, ante as reliquias multiseculares, algumas mesmo anteriores à menoridade do grande fundador da 1.ª Dinastia, preciosidades que a tradição atribua aos séculos X, XI e XII. Está hoje, porém, verificado que foi a condessa Mumadona, tia de Ramiro II de Leão, quem fundou o mosteiro, depois transformado em Colegiada, e quem, por necessidades de defesa, escolheu o local, onde mandou construir o primitivo Castelo, reduzido a pouco mais que à torre de menagem, obra que os primeiros reis reforçaram.

Esse Monumento, que representa a célula geradora do «Berço da Nacionalidade», marca,

profunda e irrefutavelmente, o início e a origem do Reino de Portugal e o poder de expansão da sua Raça, batendo e repelindo ousadamente os mouros, expulsando-os dos Algarves e perseguindo-os em Africa, arrojados conquistadores e navegantes, que ao mundo abriram novos mares e continentes, dilatando a Fé com a cruz e a espada!... Nêle vemos gravada a «cruz suástica» que, na Alemanha de hoje, constitui simbolo de fôrça e vida nova.

Tam grande foi o império criado e tam dilatadas as suas fronteiras, que, as nações europeias, à porfia, numa cubiça e inveja, fáceis de compreender, anos depois, também demandavam os mares no rumo das nossas caravelas, aproveitando pilotos e capitães, por nós anteriormente amestrados!

Agora, relativamente ao Monumento, apenas pretendo recordar o que admirei nos meus tempos do Colégio de S. Dâmaso, para comparar os novos tempos com os das conquistas gloriosas do passado. Anos atrás, aí por volta de 1912, todos os portugueses sentiram, com o coração a palpitar de fundados receios, a pouca segurança do património colonial, e, para o defender, pouco depois, lá foram bater-se as tropas portuguesas. Mas a guerra não pôs ainda termo às ambições e à cubiça de colónias!... Temos de estar atentos e preparados para as defensões em todas as emergências, porque, pela voz da Imprensa, sabemos bem o que, lá fora, se pensa e se diz, sôbre as colónias dos povos que teimam em chamar pequenos!

Bem faz o Estado Novo, aproveitando a lição que a S. das Nações acaba de dar, em se não deter nessa preparação da Mocidade Portuguesa, que será, necessariamente longa, mas que é preciso fazer-se, para tornar forte e grande, como no reinado de D. Manuel I, a Pátria de Afonso Henriques.

Tanto o Castelo de Guimarães, como o Monumento aos Mortos da G. Guerra, simbolizam o amor e a admiração por todos os que concorreram para o engrandecimento e glória de Portugal. O Castelo edificou-se para defender a vila e depois cidade de Guimarães, assim o afirmam os dados históricos, e o Monu-

mento aos Mortos da G. Guerra, a erigir, glorificará os combatentes de I. n.º 20, sacrificados na Guerra.

E' dever sagrado de todas as sédes de concelho, mormente sédes de unidades expedicionárias, erigir-lhes um monumento.

«Haverá algum vimezanense que não deseje ver levantar êsse Monumento, e que não queira associar-se a essa obra de tam eloquente grandeza moral?»

«Haverá no concelho de Guimarães alguém, sem patriotismo, que tenha coragem para contrariar a idea do Monumento, testemunho saudável e vivo, de homenagem à memória dos queridos Mortos de I. 20?»

«Vimezanenses!»

Representais na nobre e vetusta cidade de Guimarães, as gólas do precioso sangue que os vossos irmãos derramaram pela Pátria, em terras distantes!

Não sentis o vosso coração a arder de amor pelos queridos mortos?

Não quereis formar ao lado dos que, há tanto tempo, anseiam por levantar o Monumento aos Mortos da G. Guerra de Guimarães?

«Haverá, porventura, em Guimarães, quem não goste de prestar homenagem aos Mortos da Pátria, num Monumento que represente a Chama viva do sentimento patriótico a despertar, como suprema ambição, nos novos de hoje e nas gerações vindouras?»

Pôrto, Julho de 1936.

J. P. MONTENEGRO CARNEIRO
cap.

GRALHAS

No suelto «à margem» sôbre a Galiza saiu *com simpatia* em vez de *sem simpatia*.

No relato sôbre o «Grupo Padre Gaspar Roriz» saiu *Terra* em vez de *Ferra*.

No artigo do nosso colaborador A. Malheiro, saiu *último* em vez de *penúltimo*.

No «programa das homenagens ao padre Gaspar Roriz» saiu *cidadão inultrapassável, inteireza de carácter*, sem sentido, em vez de *cidadão de inultrapassável inteireza de carácter*.

Outras de somenos importância facilmente serão corrigidas pelos nossos leitores.

A vida

A vida é suave perfume
Que dum mixto se resume
E como o fumo se esvai.
A vida é vôo singelo
Prendido por um frágil elo
Que à morte conduz um ai.

A vida é a flor mais bela
Que, com magia singela,
Embala em sonhos profundos.
A vida dura momentos
E é levada por ventos
P'ra desconhecidos mundos.

A vida, bem em verdade,
E' filha da eternidade
Que nos chama e nos conduz.
A vida, tam pequenina,
Que acorda tam matutina,
Que tanto, tanto seduz.

Se a morte tenta em momentos
Roubar-nos, com desalentos,
O débil fio da vida...
Esta que é fraca e singela,
Lá vai levada por ela,
De vale em vale impelida.

FERNANDA CARDOSO.

Secção do Sindirato Nacional da Indústria textil em Delães

Pelo sr. Sub-secretário das Corporações e Previdência social foi aprovado o regulamento desta secção.

Brevemente proceder-se-á à sua inauguração que assumirá aspectos de grandiosa jornada corporativa.

No meio operário de Delães, Riba d'Ave, e outros centros fabris anexos, lavra vivo júbilo por esta conquista social, que representa a satisfação de uma das mais ardentes aspirações dos trabalhadores das fábricas de fição e tecidos daquelas localidades.

Sarau de beneficência

Com o concurso do Orfeão Vimezanense e do grupo cénico «Mocidade Alegre», realizou-se na quarta-feira da semana passada, pelas 22 horas, no salão da V. O. T. de S. Francisco, um sarau literário-musical em benefício da Creche.

No intervalo da II parte, o presidente da mesa da V. O. T. de S. Francisco, ex.º sr. capitão João Gomes de Abreu Lima, pronunciou um discurso de ideas elevadas e justas.

A assistência, selecta e distinta, enchia o salão.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA